

Hoje é sábado

DEPOIMENTO



Realismo, uma das primeiras fases na trajetória de Charoux.

Lóthar Charoux é um artista que realmente justifica o seu nome entre os principais pintores e desenhistas contemporâneos. Seus trabalhos, dotados de grande coerência e autenticidade, revelam um nível de expressão bastante raro dentro da arte moderna.

Nascido em Viena, Charoux veio para o Brasil aos 16 anos e iniciou seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, sendo nesta época aluno de Waldemar Costa que muito o influenciou no início da carreira, embora o seu interesse pela arte viesse desde a infância quando convivia muito com seu tio, um conhecido escultor e cartunista austríaco da época.

Sempre atento às inovações, percorreu diversos caminhos, passou por diversas tendências, encontrando no abstracionismo a sua expressão máx.

Mora há 35 anos na Lapa,

mas acha que é muito pouco conhecido pelos moradores do bairro. Há anos atrás fazia exposições na Sociedade dos Amigos do Livro, então localizada na rua Drogasil. A falta de incentivo e a falta de receptividade do público na época, fizeram com que a Sociedade não sobrevivesse.

Segundo Charoux o mercado de arte brasileira tem

melhorado muito nestes últimos anos, principalmente para os desenhistas e gravuristas que além do mercado brasileiro encontram no mercado internacional uma aceitação muito grande. Os meios de comunicação cada vez mais amplos, muito contribuíram para a ampliação desse mercado. "O Consumo científico de obra de arte, na minha opinião, não é nada mais nada menos do que uma função social. A comercialização da arte, o fato de muitas vezes ela ser tratada como simples objeto de consumo, não afeta nem a ela nem ao artista. De vez em quando, os colecionadores, por exemplo, embora favoreçam mais o comerciante do que o artista, têm uma atuação muito importante no sentido da divulgação da arte".

Para Charoux o importante é que cada artista dê a sua contribuição sem constrangimento dentro da livre

Um artista lapaeano fala sobre a arte brasileira

criação e das características de sua técnica e personalidade. "A arte pode ou não estar amoldada ao meio ambiente, mas defender as origens em demasia é absolutamente desnecessário. As contingências são mais ou menos as mesmas em qualquer lugar".

Charoux participou muitas vezes das exposições da Bienal de São Paulo que segundo ele nunca deixou de ser o melhor meio de divulgação brasileiro das obras de artistas do mundo inteiro, muito embora a filosofia adotada pela Bienal (convir os países e não os artistas espordicamente) faz com que muitas vezes os trabalhos apresentados não sejam tão bons quanto poderiam ser qualitativamente se falando "neste sentido a bienal precisa-se mais com a sua internacionalização".

Nesta última exposição, Olney Kruse, membro da As-



O encontro com a linguagem abstrata geométrica

sociação Brasileira e Paulista de Críticos de Arte e do Conselho de Arte da Fundação de Arte da Bienal, foi responsável pela apresentação de parte da própria Bienal. Nesta apresentação o crítico colocava em questão a validade da arte brasileira, afirmando estar a influenciada pela arte estrangeira. Esta matéria provocou o protesto de 117 artistas que censuraram a Bienal por autorizar a publicação que segundo eles compromete a imagem da Bienal de São Paulo diante dos artistas, do público em geral, e das entidades particulares e governamentais que lhes emprestam prestígio e lhes facultam a sobrevivência.

ram a Bienal por autorizar a publicação que segundo eles compromete a imagem da Bienal de São Paulo diante dos artistas, do público em geral, e das entidades particulares e governamentais que lhes emprestam prestígio e lhes facultam a sobrevivência.

Lóthar Charoux foi um dos artistas que assinaram o manifesto encaminhado à Diretoria da Fundação Bienal de São Paulo. Protestei não pelo julgamento das obras em si, mas pela forma como foi apresentada essa crítica (em tom púberico e irresponsável) e pelo veículo usado, pois o responsável pela apresentação do catálogo deveria ser mais informativo do que propriamente opinativo. Absolutamente não sou contra a liberdade de expressão do crítico paulista mas, de qualquer forma se ele tem liberdade de criticar, os artistas também têm a de protestar.

E. CALÓ BERNAL

CINEMA

Suite classe média

Seria comédia seria drama? seria uma ridícula porcaria racista? Seria um filme que exaltasse os mais altos valores da humanidade tais como a liberdade e a igualdade? Seria uma bem filmada defesa da conservação familiar e do não menos conservador matrimônio? É muito difícil enquadrar o filme *Cláudio* em um destes rígidos moldes seria tudo isto e mais um pouco, contada através da estória de uma divorciada negra com 6 filhos, que se apaixona por um líbrio, também negro, dentro de uma conturbada situação econômica e emocional.

Cada um dos filhos da bela divorciada reage de uma forma diferente para o escolhido pela mãe, da mais aberta agressividade à mais franca aceitação. A situação familiar caótica, com qualquer família de seis filhos, com crianças berrando e brigando a toda hora e muitos momentos cheios de ternura e graça.

O fato de ser uma família de negros talvez cause alguma estranheza, mas o filme *Cláudio* pode muito bem ser apresentado no horário-bote de nossa televisão, pois, apesar de mostrar a vida da família sem nuances e sem esconder os numerosos conflitos, o filme é acaorado o suficiente para agradar a todas as respeitáveis mães de família existentes e sua numerosa prole.

Por outro lado o filme está impregnado de valores e problemas exclusivamente norte americanos, tais como a Assistência Social, muito mais aperfeiçoada do que o nosso desumano INPS, mas que é o alvo do ódio da classe média Norte Americana, o grande número de bens de consumo possuído por todos, tais como carros, geladeiras, etc... Este problema de ter várias características exclusivas dos EUA dificulta a plena percepção por parte do público brasileiro das críticas ao estabelecimento da América do Norte, que provavelmente tenham sido feitas. Para nós, o filme mostra a estória de uma família, mas esta família é negra (um país onde existe o racismo acentuado) e pobre (de uma pobreza inimaginável por nós, com carro e aparelho estereofônico de som). Por certo o filme tem muito mais a mostrar em matéria de problemas sociais do que nós, talvez, podemos apreender.

Mesmo assim assistir ao filme *Cláudio* não é tempo perdido e maioria dos espectadores saem do cinema satisfeitos e com a impressão de ter assistido a um bom filme.

O Grito da solidão

O método da solidão, a falta de despreendimento do ser humano e sua desorientação perante um mundo de verdades e realidades foram muito bem retratados no filme de Michelangelo Antonioni, "O Grito", que está em reprise no Cine Belas Artes-sala Portinari.

Sente-se no decorrer do filme um processo de destruição do personagem principal, Aldo, que tendo sido rejeitado pela mulher que amava não consegue encontrar novos caminhos de vida e perde-se dentro de sua própria solidão.

Se tivesse que descrever a Imagem de Aldo no filme mostra-se como uma matéria em decomposição, que chegou ao nada mesmo antes de se acabar. Sua dependência da mulher amada, a vontade de que tudo voltasse a ser como antigamente, sua indiferença na busca de novos caminhos, mostram toda a fragilidade de um ser humano carente de ideais e de motivações.

E. CALÓ BERNAL

TEATRO

A verdade, onde está a verdade?

Os animais, e o homem é um deles, desde o princípio dos tempos vêm buscando a melhor forma de se adaptar ao ambiente que os circunda. Esta adaptação ocorre através dos tempos e muito vagarosamente. Assim é que os povos habitantes de regiões onde a água e a caça abundavam, onde a busca do alimento para o dia a dia não era por demais dificultosa, possuíam um tipo de vida que se aproveitava dessas dádivas da natureza. Para que se preocupar com enormes plantações, com rudimentares ou sofisticados métodos de armazenagem se a floresta podia lhes fornecer o alimento fresco no momento que melhor lhes apossuasse? Enquanto os indígenas brasileiros, e os americanos de maneira geral, bem como os índios africanos, possuíam um tipo de vida sedentária, levando uma vida de caçadores nômades, sempre em busca de novos e mais promissores campos de caça, os povos da Europa, da Itália e da Grécia, terras secularmente pobres, desprovidas de fontes de recursos naturais que a África e América podiam oferecer a seus moradores primitivos, eram obrigados a se fixarem na terra e a cultivá-la a fim de tirar o pão de cada dia. Agricultores ou caçadores, nômades ou não, os povos através dos tempos foram se adaptando à terra em que viviam da melhor forma possível.

Os povos que se fixaram na terra e que do cultivo dela buscaram se alimentar, atingiram um progresso muito maior nas diversas formas de dominar o meio ambiente, os animais e os seus semelhantes, mercê das necessidades que o cultivo da terra despertava. Enquanto isso os índios nômades e caçadores por excelência, com raríssimas exceções, progrediram muito menos, materialmente se falando.

É as coisas assim estavam, bem ou mal paradas, até o dia em que o homem dióvil descobriu os gentios. Inicialmente uma verdadeira guerra sem quartel buscou a destruição desses povos primitivos e a posse da terra por eles ocupada. No século XX, o humanismo e os sentimentos democráticos dos homens da civilização, obrigados à prática da agricultura à alteração e ao abandono de seus usos e costumes, alguns, é verdade, bárbaros, desprovidos de seu tradicional sentimento religioso, os antigos senhores da terra adaptaram-se ao violento dar a dar da civilização. Obrigados à prática da agricultura à alteração e ao abandono de seus usos e costumes, alguns, é verdade, bárbaros, desprovidos de seu tradicional sentimento religioso, os antigos senhores da terra adaptaram-se ao violento dar a dar da civilização.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Ocorre que, povo que mil-
nantes impediram a matança indiscriminada de aborígenes. O "branco" passou, não mais a destruir índio, mas a "civilizá-lo, ou melhor dizendo, aculturá-lo". Indivíduos essencialmente nômades e sedentários, os peles vermelhas, como o cinema americano nos ensinou a denominá-los, repentinamente viu-se obrigado ao cultivo da terra e outros costumes "civilizados", isso porque o homem branco resolveu limitar as áreas pertencentes aos índios ao mínimo possível, seja para que outros brancos viessem dominá-las as cultivá-las, seja para a criação de Parques Ecológicos.

Outro dia liendo os dois diários de nossa Capital os bebemos que o Ministro "Rangel Reis tinha ido pescar durante o carnaval em terras



matogrossenses e que ao ficar sabendo da existência de uma tribo indígena nas proximidades resolveu visitá-la de improviso, tendo ficado estarecido com o quadro que se lhe deparou diante dos olhos. Disse o Ministro que jamais imaginou existir restos humanos vivendo em tão precárias e constribantes condições. (P.S. - Rangel Reis é responsável pela política indígena brasileira).

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

Como moralmente regressiva e passiva, de pouco em pouco, rapidamente e seus povos vão se extinguindo, sumindo da face da terra.

DISCO

"Minas" - o brilho do Ilustre Desconhecido

Quando Caetano Veloso disse "É proibido proibir", durante aquele histórico festival da Rede Tupi de Televisão, estava mais difícil de ser aceita aquela mensagem do que atualmente serem aceitos seus dois últimos LP's "Zil" e "Coisa".

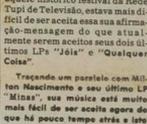
Três uma paralela com Milton Nascimento e seu último LP "Minas", sua música está muito mais fácil de ser aceita agora do que há pouco tempo atrás e isto ocorreu principalmente em consequência dos seus shows anteriores, no Municipal e no Anhembi, que sustentados por uma campanha promocional, alcançaram um grande sucesso de público.

Em seu tratado de Milton Nascimento isso é muito bem que acontece, pois serve para divulgar a sua obra e para sair da condição de Ilustre Desconhecido e oferecer "Agora eu não pergunto mais onde vai essa estrada", nem se orgulha de ser "viral ter de ser viral de fora amolada", numa espécie de respeito, talvez, se toma consciência de que a música não se adapta a terra, os Iks se propõem, passam fome e é isso que o espetáculo nos mostra ao vivo, dramaticamente.

No entanto, se as intenções foram as melhores possíveis, os resultados práticos observados no Teatro Oficina não foram dos mais animadores, principalmente porque Marcio Tadew, o ator escolhido para viver o Antropólogo, estava à altura do papel e sua fraquíssima atuação prejudicou todo o ritmo do espetáculo.

Acreditamos que, se a direção, ao invés de colocar o antropólogo comentando os acontecimentos, muitas vezes de uma forma extremamente moralista, o tivesse deixado como mero testemunha ocular da miséria dos Iks, narrando objetivamente o visto e ouvido para os espectadores, os resultados teriam sido muito superiores. A linha seguida por Celso Nunes (O diretor e tradutor) seria ainda bem mais adequada e tivesse se assemelhado ao trabalho efetuado quando da montagem de O Interrogatório. Os Iks estariam muito melhor como teatro documental, nos moldes propostos por Peter Weiss, com raríssimas exceções, dos por Celso em sua estria como diretor nos palcos paulistas. O moralismo ressaltado de algumas situações montadas no palco do Oficina prejudicou sobremaneira o espetáculo, que de resto, é excelente e deveria ser assistido pelo maior número de pessoas pois a sua mensagem precisa ser difundida para os quatro cantos do mundo.

JOTA ARANTES



E. CALÓ BERNAL

Quando Caetano Veloso disse "É proibido proibir", durante aquele histórico festival da Rede Tupi de Televisão, estava mais difícil de ser aceita aquela mensagem do que atualmente serem aceitos seus dois últimos LP's "Zil" e "Coisa".

Procura-se um espetáculo decente. Interessados, apresentar-se Biblioteca da Lapa.

Mais uma vez o Auditório Manoel Douras, mais conhecido como Teatro da Biblioteca da Lapa (rua Catão Fil) estará apresentando um espetáculo infantil.

Trata-se de "Balança, Madra e Herança" comédia de Batista Machado, "criada coletivamente", a se acreditar na produção da peça e em seu informe.

Ao preço de Cr\$ 20,00 o público lapaeano poderá assistir hoje às 20 e 22 horas e amanhã às 19 e 21.00 horas ao espetáculo que tem em seu elenco os consagrados, ou melhor, desconhecidos José Roberto Capraro, Carlos Clean, Melanie Del Nero e Diná Ribero.

Mais uma vez a nossa única casa de espetáculos está recebendo um grupo indigente e tanto material quanto culturalmente (os erros grosseiros do "release" e o desconhecimento das mais elementares noções estéticas demonstradas pelo mesmo "release" comprovam essas constatações). Não existirá algo melhor para a Secretaria de Cultura nos enviar algo menos indigente?

J.A.

